

(na "Voz do Operário")

• intervenção

• na Voz do Operário

• organizado por militantes
cristãos

5 fev. 80

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

VOZ DO OPERÁRIO

INTERVENÇÃO DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Como responder agora ?

E o que dizer ?

O que dizer, não só à todos os que estão aqui - amigos vos posso chamar a acompanhar-me durante este serão - mas a todos aqueles que estão presentes, com o seu nome bem escrito e bem firme, nas listas de assinaturas que me foram entregues ?

O que dizer ?

Há pouco a Francelina Chambel perguntava-me o que é que eu experimentava nas reuniões que fui tendo ao longo do país... E o António Matos Ferreira dizia que este nosso encontro estava afinal na sequência desses encontros...

Fundação Cuidar o Futuro

Creio que o António tem razão. Há, de facto, uma linha de continuidade entre o que então experimentei e o que experimento neste momento. E tenho muito gosto em dizer por que experimento este serão assim. Ao dizê-lo talvez posso responder à pergunta feita pela Francelina Chambel.

A tarefa que me foi dado viver desde o dia 1 de Agosto até ao dia 3 de Janeiro vivi-a como tenho vivido outras tarefas na minha vida. Vivi-a do mesmo modo que os meus companheiros, cristãos et não-cristãos empenhados na transformação do mundo, estão vivendo a sua tarefa de cada dia. Vivi-a, com entusiasmo, com gosto, com esperança, como se tudo dependesse dela; e ao mesmo tempo com o sentimento de que aquilo que eu estava a fazer era, afinal, apenas uma gota de água, num oceano que estava muito para além de mim.

É aquilo que, em linguagem cristã, se chama "estar no mundo sem ser do mundo". Quer dizer: viver o mundo por dentro, saboreando-o, gostando dele, "comendo-o" por assim dizer, trazendo-o para dentro do coração e, ao mesmo tempo, saber que esse mundo tem hoje uma fisionomia, amanhã outra, que está sempre em constante transformação e que há, portanto, sempre um para além que não conseguimos agarrar.

Nesta atitude estamos todos irmanados. Nisso, como disse o Rui Grácio, não há distinção entre crentes e não-crentes. Todos apostamos, a partir do imediato, em algo que nos transcende, num horizonte que ultrapassa o nosso imediato e nos projecta para além dele. Todos acreditamos, afinal, que o mundo não é um círculo fechado; que é possível transformá-lo.

Aqueles de entre nós que nos consideramos cristãos não nos vemos separados, dentro de capelas fechadas. Vemo-nos, sim, como parte da longa marcha de uma Igreja de dois mil anos, que faz o seu caminho com toda a humanidade. Vemo-nos, sim, sempre às portas de uma Igreja invisível: um companheiro de religião do Frei Raimundo, o Padre Congar, dizia que somos todos uma "Igreja-do-limiar"... Estamos todos a aprender a ser cristãos. Ainda não sabemos sê-lo. Estamos todos - incrédulos e crentes - a aprender a tornarmo-nos cristãos. É, pois, desse ponto de partida - que nunca invoquei ao longo dos cinco meses que estive no Governo - é como cristão-em-aprendizagem que hoje vos falo.

Era talvez de circunstância dizer que não mereço as palavras ouvidas, que não mereço esta prova de amizade e confiança... Mas não é isso subentendido? E além disso, além disso... se é verdade que a humildade é uma grande virtude cristã (e eu bem vou tentando, como todos os outros...) também é verdade que há certas coisas que a gente até pode reconhecer que não foram tão mal como isso... E pode dar graças a Deus e aos outros por ter sido assim!

A Teresa Ambrósio insistiu muito no facto de eu ter tentado viver uma governação participada. Em tons diferentes todos os intervenientes deste serão foram tocando esse mesmo ponto.

Ora eu quero tornar bem claro que isto de um(a) primeiro(a)-ministro(a) "se passear pelo país" não é um acto demagógico, como alguns quiseram fazer crer: é uma atitude normal para um cristão.

É que ser cristão não é, como dizia há pouco o Frei Raimundo, "acender uma vela lá em casa". Ser cristão é outra coisa, com Vaticano II. E já agora cito a Constituição Dogmática "Lumen Gentium", cap. II, par.9 (para algum sacerdote distraído que por aí ande): "nenhum cristão se salve sozinho", (nenhum cristão se salva com a sua velinha lá em casa...), "o cristão vive e salva-se como parte de um povo" e esse povo é o povo de Deus, o povo de Deus em marcha.

Não foi, por isso, para mim, estranho o facto de, enquanto primeira-ministra, me ter revelado como parte de um povo. Sendo cristã, sou constitutivamente parte de um povo, elemento desse povo e é, portanto, junto do povo e com o povo que encontro as minhas raízes.

Ora o que é um povo ?

Um povo é uma realidade que se forma à volta de acontecimentos significativos.

Não há um povo só com o vago recordar do passado. Não há um povo só como uma entidade abstracta de quem falamos apenas em circunstâncias adequadas.

Um povo é povo, torna-se povo, em acontecimentos, em momentos que o tornam unido, coeso e forte.

Ora se o meu projecto político tem algum contorno nítido, logo à partida, ele aí está bem claro: é preciso fazer acontecer o povo.

Daí a determinação clara que me animou, desde o início, de procurar esse "acontecer do povo".

Ora um povo só é, só "acontece", quando participa. Quer dizer: um povo não existe abstratamente, de vez em quando reunido; existe ^{na medida} em que cada um dos seus membros está activo e participante. Participação que torna cada um digno de ser pessoa humana de parte inteira - não escravo, não súbdito, não objecto de inter-
pretações que outros lhe queiram dar, mas sim alguém inteiramente livre, que pode usar essa liberdade. (Não é a teologia cristã que diz que "a liberdade é o estatuto dos filhos de Deus" - condição básica e fundamental da construção de um povo?)

Fazer acontecer um povo é ainda manifestar aquilo que está na raiz da vida e do quotidiano do povo.

Fundação Cuidar o Futuro

Volto assim à pergunta da Francelina Chambel: o que é que eu sentia de cada vez que me encontrava com grupos de população, com os representantes das autarquias, com os representantes de todo o tipo de associações de ordem cultural ou social, de actividades industriais, agrícolas, económicas.

O que eu senti foi esta coisa espantosa que se chama incarnação e em que eu acredito. Senti que não basta saber com números que o país tem uma certa taxa de inflação; que há uma certa percentagem de aldeias que não têm electricidade nem água canalizada, que há um número enorme de jovens à procura do primeiro emprego. Não basta saber isto teoricamente, em números, em papéis sobre a secretária. Há uma realidade muito diferente e muito mais viva, quando se pode encontrar essas mesmas pessoas dizendo o que são e como vivem - não em termos gerais, uniformizantes, a duas dimensões, mas na sua experiência humana e viva.

Por isso o que posso dizer é que quando encontrava o povo e o país real que somos, as necessidades gritavam mais alto por que vinham vividas mais de dentro, vinham com outra carga humana, vinham verdadeiramente incarnadas, vinham cheias de tudo aquilo que eram sentimentos e aspirações das pessoas.

Mas a vida vivida que chegou até mim não era só feita de queixas, lamentos, necessidades ou problemas. Era também feita da consciência de que as respostas ou as soluções para esses problemas estão nas mãos de todos - e é prodigioso sabermos que somos parte de um povo assim !

Cada pessoa sabe que pode ter parte com todos os outros para criar qualquer coisa diferente. Cada pessoa sabe que traz consigo a resposta aos seus próprios problemas. Por isso é importante termos a coragem de dizer que não há técnicos de política. A política é de todos, e todos - governantes e governados - temos alguma coisa de nosso a trazer-lhe!

Fundação Cuidar o Futuro

Ora isto foi entendido por muita gente aqui e noutros países. Tem-me chegado nestas semanas o eco da compreensão de que nós tentámos em Portugal, durante estes cinco meses, alguma coisa que tem significado não só para nós como também para outros, por essa Europa fora, por esse mundo fora... Sabê-lo pode dar-nos a todos - dá-me a mim - muita força.

Somos todos profundamente solidários com muitas pessoas dispersas pelo mundo. Essa solidariedade não é uma realidade abstracta, nem qualquer coisa meramente ideal (estou já a ouvir os que me acusam de "ingenuidade política"). É, pelo contrário, o mais chão realismo. Basta olharmos cada dia para as notícias dos jornais, ouvirmos rádio ou vermos televisão, para nos darmos conta de que há uma interpenetração de destinos, há uma solidariedade para a catástrofe ou para a libertação entre todos os povos do mundo.

É aí - nessa junção entre o que somos concretamente no lugar em que vivemos e o mundo mais vasto em que estamos inseridos - é aí que, país pequeno que somos embora, temos, continuamos a ter (ainda que muitos o não queiram reconhecer), um papel único a desempenhar na história.

E temo-lo porquê ?

Porque somos afinal um povo com uma história já antiga, com o peso de séculos de experiência. E essa experiência, longe de nos tornar cínicos perante tudo, vem dar-nos a sabedoria que só a idade traz. P' r isso, ao mergulharmos nas raízes do nosso próprio passado, nós podemos encontrar o dinamismo para o nosso futuro.

Várias vezes se falou também/^{durante} este serão na alegria. Ora essa alegria é, antes de mais, a alegria que vem do povo que somos e que encontrei em todos os lugares onde estive. Mas não escondo que essa alegria vem também da minha condição de cristã, que me leva à convicção de que podemos transformar esta realidade em que vivemos. Um dos apóstolos mais próximos de Jesus Cristo dizia que é preciso darmos conta aos outros da esperança que habita em nós. Para mim, a alegria não é mais do que isso: é mostrarmos aos outros que há uma esperança que nos habita.

A esperança é um cravo vermelho que vai de mão em mão. E não seria fiel a mim própria nem à virtude cristã que é a gratidão se não fosse capaz de devolver este cravo ao povo e aos capitães de Abril que o fizeram florir.

O momento que vivemos durante este serão - cada um exprimindo, na sua forma própria, o modo como adere a essa esperança - é, afinal, a revelação daquilo que nos move e nos pode ajudar a dar conta uns aos outros da esperança que em nós vive.

Esperança que se insere no quotidiano bem concreto que todos nós somos chamados a viver, quaisquer que sejam as circunstâncias, sem que as funções chamadas de maior importância venham alterar a dedicação e a confiança no querer colectivo de todos nós.

Ainda aí é como cristã que me situo, porque acredito que houva um homem que se chamou Jesus de Nazaré que está vivo na história, que transforma ainda hoje o coração dos homens e que é pelo seu Espírito que vivemos e que tudo há-de ser transformado.

E não é por acaso que, no último livro da Bíblia, Deus diz: "Eis que faço novas todas as coisas". Pela fé sabemos que "fazer novas todas as coisas" será um dia (não sabemos quando) o encontro entre um acto de Deus e um acto dos homens. Nós ofereceremos aquilo que somos capazes de fazer, de transformar, de acreditar, de inovar; Deus - que nos criou, nos transforma, nos faz respirar, nos faz estar aqui, nos torna solidários - transformará tudo isso numa realidade que é para nós impensável.

Essa promessa é verdade possível, verdade perto de nós, por que esse homem Jesus de Nazaré foi um de nós, igual a nós em tudo excepto no pecado (como diz a Bíblia), passou na terra fazendo o bem e um dia ressuscitou vencendo a morte.

É essa vitória sobre a morte que eu queria celebrar aqui. Como o António Matos Ferreira lembrou que eu termino sempre as minhas intervenções com um poema (apesar de esse meu jeito ser tido como um gesto político), gostaria de chamar hoje em minha ajuda Miguel Torga. É assim, com as palavras de um poeta - incrível sempre a tornar-se crente e crente sempre a tornar-se incrível, exprimindo afinal aquilo que nós todos somos - que, do fundo do meu coração de cristã, dirijo a todos, um "Cântico Fraternal":

Chamo por ti.
Chamo por ti, com versos fraternais.
Nunca te vi,
Mas nascemos os dois dos mesmos pais.

Chamo em nome da vida, que me ordena
Que te diga a verdade;
É o meu lenço que acena,
Mas o cais é de toda a humanidade.

Deixa as sombras e vem!
És homem como eu sou, hás-de gostar
De pisar com desdém
A herança que não podes renovar.

O passado é o passado - já morreu.
Grande é o futuro, por nascer.
Nenhum fruto maduro prometeu
O que a semente pode prometer.

Do que foi embebedas a lembrança,
Do que há-de ser, estremece!
Vindo, voltas a ser criança;
Mas aí, apodreces.

Chamo por ti, de manso,
Numa ordeira canção;
É uma ponte de sonho que te lanço...
Passa por ela, irmão!